

# humanitas

# 141

## MOVIMENTO NEOCONSERVADOR

O IMAGINÁRIO  
HEROICO DE REAGAN  
E DE SUPERMAN  
PARA EXPLICAR O  
PODER DE SEDUÇÃO  
DOS SALVADORES  
DA PÁTRIA

## PIOTR KROPOTKIN

BENEFÍCIOS DA  
SOLIDARIEDADE E  
DO APOIO MÚTUO



## O LADO BOM DAS CRISES

ELAS SEMPRE INSPIRARAM IDEAIS,  
ALIMENTARAM EXPECTATIVAS E  
TRAÇARAM NOVAS POSSIBILIDADES

EDITORA  
**escala**

ANO XV • 2021  
EDIÇÃO 141 - PREÇO R\$ 20,00



POR QUE FILÓSOFOS SÃO TIDOS COMO INQUIETANTES E PERIGOSOS  
AOS PENSAMENTOS DOMINANTES?

DIÁLOGO

COM EDIMAR BRÍGIDO

# SONHO IMPOSSÍVEL?

POR FÁBIO ANTONIO GABRIEL

O estado de bem-estar social tornou-se um devaneio praticamente impossível de se alcançar. Mas há uma saída: reconduzir o discurso social para o seu devido lugar, o espaço público

**PADRE CÍCERO**  
PARA FAZER VALER A  
JUSTIÇA E A VERDADE

Edimar Brígido

JURUÁ

EDITORA



## A CIÊNCIA SE ENVOLVEU EM ASSUNTOS DE GUERRA. ALBERT EINSTEIN CHAMOU A ATENÇÃO PARA ESSA DELICADA RELAÇÃO ENTRE A CIÊNCIA E A GUERRA EM UMA SÉRIE DE CARTAS TROCADAS COM FREUD

**E**stabelecer novos paradigmas e fomentar um espaço de debate público, no qual os cidadãos possam discutir e formular consensos a respeito de determinadas matérias. É essa a sugestão de Edimar Brígido, doutor em Filosofia com ênfase em ética contemporânea e pesquisador-líder do Grupo de Pesquisa Ética, Política e Democracia. Professor da UniCuritiba e da Faculdade Vicentina, nos últimos anos ele tem explorado a difícil relação entre ética, política, direito e democracia. O especialista, que também é autor das obras *Wittgenstein: a ética e a constituição do gênio* (Ed. CRV); *Jean Calas: no Tribunal da Intolerância* e *Padre Cícero: Para Fazer Valer a Justiça e a Verdade* (ambos da Juruá Editora), afirma que o debate político, plural e respeitoso, é essencial para alterar a situação social. Para ele, essa é a “única atmosfera possível na qual os direitos humanos podem ser assegurados, porque respeita todo e qualquer ser humano”. Brígido concedeu a seguinte entrevista à **Humanitas**:

**Humanitas** – Quem somos nós hoje?

**Como avalia a sociedade atual? Será que caminhamos em direção ao progresso ou a desesperança tomou conta da humanidade?**

**Edimar Brígido** – Saber em que mundo vivemos não é uma tarefa muito fácil, ainda mais quando as coisas se alteram em ritmo cada vez mais constante. O século 19 presenciou um incandescente otimismo que remete aos grandes projetos fomentados pela modernidade. A crença no poder imensurável da ciência; o endeusamento da razão com a promessa de esclarecimento; a aposta no modelo econômico capitalista como propulsor do desenvolvimento social; o positivismo e seu ideal de ordem e progresso são alguns exemplos disso. Na contramão dessas expectativas, outros projetos eram menos otimistas, mas não menos vigorosos: o romantismo denunciando o processo de coisificação do homem; o socialismo apontando as contradições do modelo capitalista; a filosofia alemã, em especial aquela representada por Nietzsche, o filósofo que anunciou a “morte de Deus”, uma metáfora empregada para assinalar a morte dos valores vitais que ligavam o homem à terra e ao outro. Na aurora do século seguinte, observase que Nietzsche estava com parte da razão.

### O que isso significa?

Os “ídolos” produzidos desde a modernidade, como racionalismo, cientificismo, capitalismo, socialismo e tantos outros, foram destruídos. Não restou absolutamente nada! A ciência se envolveu em assuntos de guerra. Albert Einstein chamou a atenção para essa delicada relação entre a ciência e a guerra em uma série de cartas trocadas com Freud. A razão, por sua vez, foi destronada quando Freud demonstrou seus limites e apontou para uma dimensão que estava além de seu controle: o inconsciente. A queda da bolsa de Nova York, no início do século passado, enfraqueceu – ao menos em alguns aspectos – a credibilidade do sistema capitalista. Todos esses episódios se materializam de algum modo na forma de duas grandes guerras mundiais. Se Deus está morto, conforme a constatação de Nietzsche, então tudo é permitido, responderá o grande escritor russo. E tudo é tudo! Guerras, holocausto, genocídio, totalitarismo. A morte de Deus representa em medidas mais expressivas a morte do próprio sujeito. Concluindo, acredito que isso é o que somos nós hoje, por isso a política é tão importante para ajudar a mudar esse estado de coisa. A atividade política pode ser um sinal de esperança para a humanidade.

### O século 20 foi extremamente conturbado, como aponta Hannah Arendt. Como explicar todo esse cenário de desolação que marcou o século passado? O que propiciou essa situação?

O século que há pouco findou foi marcado por uma efusão de experiências desastrosas, muitas das quais contribuíram com a ascensão de regimes totalitários, cuja pretensão maior consistiu em disseminar o medo e provocar o isolamento das nações. Inflados por um sentimento – pseudo-patriótico –, ignoraram os direitos e as garantias individuais e instauraram um estado de exceção, dando início a um regime de barbárie. Não por outro motivo, as grandes guerras mundiais tornaram-se o emblema desse momento, bem como o instrumento político utilizado para materializar suas aspirações pelo poder. O quadro político que se apresentou no início do século 20 só foi

possível devido à estruturação de um terreno propício, que foi sendo construído paulatinamente desde os preâmbulos do Iluminismo. Concordo com a análise empreendida por Arendt, a qual identifica o processo de desconstrução dos grandes pilares que, até então, serviram de alicerce para o desenvolvimento da civilização ocidental: a religião, a tradição filosófica e a política. Na ausência desses fundamentos, insurge a crise de autoridade e o vazio de poder. É nesse vácuo de referenciais teóricos que eclodiu a terrível novidade política do mundo contemporâneo, o totalitarismo.

### Qual foi o papel da religião nisso?

A religião, que tradicionalmente conduzia as consciências e se apresentava como porto seguro, foi confrontada pelo paradoxo decorrente do espírito positivista. Com a tradição filosófica não foi diferente. Kierkegaard, Marx e Nietzsche denunciam um passado que perdeu sua autoridade e revelam o quão sozinho o homem está em sua atividade de reflexão. Por certo, a ausência de referenciais religiosos bem como o rompimento dos vínculos filosóficos com a tradição projetam apenas parcialmente os reais contornos do problema, que mais tarde ganharia sua versão completa com a crise de autoridade política.

### Como explicar a crise de autoridade política mesmo depois de tantas lutas para instaurar um “novo regime”?

A raiz da questão remonta aos primeiros movimentos decorrentes da Revolução Francesa, quando foi aprovada pela Assembleia Nacional Constituinte a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, consagrando uma série de direitos individuais e coletivos considerados universais e inalienáveis. Segundo Hannah Arendt, tais garantias visavam pôr fim ao Antigo Regime, instaurando uma ordem republicana capaz de garantir direitos e deveres iguais a todos. Acontece que o impasse consiste no fato de que a Declaração se dirige a uma ideia abstrata de homem que não se pode encontrar em lugar algum. É justamente essa falta de identidade



## A RELIGIÃO, QUE TRADICIONALMENTE CONDUZIA AS CONSCIÊNCIAS E SE APRESENTAVA COMO PORTO SEGURO, FOI CONFRONTADA PELO PARADOXO DECORRENTE DO ESPÍRITO POSITIVISTA

que possibilitará, mais tarde, a violação de tais direitos; como foi o caso do holocausto.

Então, o que observamos é que, com a fragilidade que marca o ser humano no século 20, criou-se um espaço adequado para que regimes políticos autoritários ganhassem corpo e dominassem o cenário político com uma promessa de “salvação”.

### **Habermas também desenvolve uma análise do nosso tempo? A quais conclusões ele chegou?**

Concomitante aos episódios decorrentes do colapso dos fundamentos sociais, conforme apontados por Arendt, observa-se também a manifestação de um novo modo de pensar que se enraíza na cultura ocidental: a razão instrumental. A racionalidade humana, exaltada com entusiasmo no decurso da modernidade, adquiriu nos últimos séculos propriedades dirigidas – quase que exclusivamente – à manutenção da ordem econômica que se instaurou a partir das grandes Revoluções.

Habermas aponta para essa nova perspectiva ao considerar que as sociedades contemporâneas são racionalizadas. Não se trata, contudo, daquele modelo de racionalidade comunicativa, tradicionalmente desenvolvida no meio filosófico com o compromisso de formar seres humanos com consciência crítica. Ao contrário, evidencia-se o fomento de uma razão cada vez mais ocupada com o desenvolvimento acelerado da economia, cujo resultado é a produção de um mundo tecnicizado, no qual a esfera da vida (interação, comunicação, arte, política) é absorvida pela esfera do trabalho (produção de bens).

### **É esse fenômeno que Habermas chama de Tecnocracia?**

Sim! Tecnocracia. Esse é o nome utilizado para designar o modelo social em que prevalecem as regras da razão instrumental em detrimento da razão comunicativa. Em tal modelo, observa-se a pretensão de submeter a esfera da interação, na qual as pessoas interagem entre si por meio da comunicação, às regras da esfera do trabalho. Sem tempo para as atividades interativas, a comunicação entre os homens é reduzida a momentos de escassez, acarretando a fragilidade dos laços sociais e, inevitavelmente, o comprometimento do modelo político democrático. Sem diálogo, predomina o individualismo e a indiferença, e as forças vitais da política enquanto atividade prática reduzem-se ao mero campo da administração pública, confiada aos partidos políticos. A sociedade torna-se refém de uma cultura de consumo e competição, na qual o debate político aos poucos vai perdendo espaço. O que é mais preocupante é que não há uma percepção clara desse processo por parte da sociedade. Cada um está tão ocupado com as estratégias para obter o sucesso pessoal que não percebe o que se passa ao redor.

### **Quais caminhos devemos percorrer para consolidar um espaço de harmonia social? Há ainda esperança?**

Sempre existe esperança! É fundamental continuar acreditando nisso. Neste sentido, a dimensão política pode ser de grande valia. A questão é que a humanidade tornou-se refém de uma mentalidade dualista: instrumental em sua forma; violenta em

sua manifestação. O estado de bem-estar social tornou-se um devaneio praticamente impossível de se alcançar. Faz-se necessário livrar-se das velhas categorias que formatam o discurso social e legitimam este estado de coisa e reconduzi-lo ao seu lugar de origem, que é o espaço público. Só assim, rompendo os muros a partir do interior e despertando o debate político autêntico, será possível reconhecer como legítima toda forma de vida, sem distinções de qualquer espécie, seja cor, nacionalidade, gênero ou religião. O debate político, plural e respeitoso, é essencial para alterar a situação social.

### **Mas, então, como criar condições propícias para que esse tipo de debate aconteça?**

É preciso, como já havia alertado Foucault, enfrentar o espírito fascista que reside nas profundezas de cada um de nós e desnudar as mazelas políticas que provocam uma espécie de sequestro da subjetividade. Não se trata do fascismo no sentido clássico, empregado em sua forma político-partidária, mas, sim, aquele que martela nossos espíritos e regula nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar esta coisa que nos domina e nos explora. Entende? Então, para recriar a arena de debate político será necessário descomprimir a esfera da interação que se encontra comprimida pela esfera do trabalho, como diria Habermas. Cada uma dessas esferas precisa se reger por regras próprias, respeitando cada qual o espaço da outra. Só desse modo será possível o estabelecimento de um novo paradigma marcado pela interação social. Esse paradigma é centrado nas relações intersubjetivas com vistas ao entendimento mútuo. Descomprimir a esfera da interação equivale a fomentar um espaço de debate público, no qual os cidadãos podem discutir e formular consensos a respeito de determinadas matérias.

### **Mas a pluralidade de ideias e opiniões não seria uma barreira a essa tentativa de formular consensos? Como conciliar os múltiplos interesses individuais ao interesse coletivo?**

## A SOCIEDADE TORNA-SE REFÉM DE UMA CULTURA DE CONSUMO E COMPETIÇÃO, NA QUAL O DEBATE POLÍTICO AOS POUCOS VAI PERDENDO ESPAÇO

É justamente esse o desafio hoje. No entanto, precisamos entender que é exatamente a pluralidade de ideias que fortalece e revigora os laços democráticos, evitando, assim, os messianismos políticos que assombraram o passado. Está em pauta, portanto, a defesa de um modelo de democracia deliberativa, fomentada por uma nova forma de racionalidade que será constituída através da ampla participação social. O intercâmbio de opiniões evidencia a pluralidade existente no tecido social, sendo essa pluralidade a própria essência do regime político democrático, como mostra Arendt. A justificativa para essa afirmação encontra-se na própria condição humana que é plural. Somos todos humanos, mas cada ser humano é único em sua forma de pensar e agir. A pluralidade é desafiante, por isso ela nos incita a ir mais longe, superando os caminhos comuns que conduzem sempre aos mesmos lugares e nos aproximam sempre das mesmas pessoas. O encontro com o outro, a alteridade, é uma das dimensões mais benéficas da pluralidade. A democracia plural é a única atmosfera possível na qual os direitos humanos podem ser assegurados, porque respeita todo e qualquer ser humano. Isso implica o reconhecimento e a aceitação de uma diversidade de grupos e sociedades intermediárias, estilos de vida e tradições diversas. Precisamos entender de uma vez por todas que as diferenças não são barreiras. **hmt**

**FÁBIO ANTONIO GABRIEL** é doutor em educação pela UEPG (Universidade Estadual de Ponta Grossa) e licenciado em Filosofia. [www.fabioantoniogabriel.com](http://www.fabioantoniogabriel.com)